

Revista Brasileira de Ciências Humanas

ISSN 3085-8178

vol. 2, n. 2, 2026

... ARTIGO 6

Data de Aceite: 10/02/2026

FRONTEIRA E ENSINO: AS CHAVES HERMENÊUTICAS PARA O ENTEDIMENTO DO CONTEXTO FRONTEIRIÇO

Rodrigo Ranzan Soares

Aluno do Programa de Pós Graduação Scrito Sensu / Mestrado Acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – MEHL / UFN
Uruguaiana/RS



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: Este artigo aborda a importância do entendimento do conceito de Fronteira a importância do seu ensino para fins de um maior conhecimento do contexto fronteiriço, ampla região de nosso País e que abrange uma considerável área do território do Estado do Rio Grande do Sul. Praticamente omitida nos currículos escolares, o entendimento do conceito de Fronteira seria de grande importância aos alunos, contribuído sobremaneira para a construção de uma identidade regional desse Espaço com suas características e peculiaridades tão especiais, mas que em sua realidade convive com estereótipos que o relegam ao ostracismo. Para este intento, aproveitamos dos conceitos da hermenêutica, com sua observância na estrita interpretação de textos e ao dar ênfase ao entendimento amplo de conceitos e descrições, agindo assim como um elemento basilar nessa compreensão da Fronteira.

Palavras-chave: Fronteira; ensino; conceitos; contexto fronteiriço; hermenêutica.

INTRODUÇÃO

A Região de Fronteira é um território singular, repleto de peculiaridades culturais, linguísticas e sociais que a tornam um espaço rico em todos os aspectos. Não seria diferente se falássemos da educação. No entanto, conforme as vivências deste autor, um professor das Redes Estadual (Rio Grande do Sul) e Municipal (Uruguiana), essa temática é frequentemente omitida e negligenciada nos currículos escolares. Essa ausência representa não apenas uma lacuna no conteúdo educacional, mas também um desafio significativo para os docentes que atuam na Região.

A negligência curricular acima citada também pode ser constatada de ambos os lados da linha demarcatória, pois ao ter uma maior convivência com colegas professores argentinos e uruguaios, a fala é similar. Temos na maioria das vezes um currículo na área de Ciências Humanas que muito pouco fala do contexto fronteiriço, sendo quase onipresente a apresentação de um contexto único e centralizador, onde a Região Sudeste no Brasil, bem como Buenos Aires nas escolas argentinas e Montevideo nas escolas uruguaias são os centros onde “as coisas acontecem” e verdadeiros faróis que iluminam o saber de todos os lugares.

Zona constante de passagens, de trocas, de “câmbios”, a Fronteira cria um contexto própria dela. Desta forma, damos a esta forma singular de organização espacial, em todas as suas nuances geográficas, naturais, históricas, culturais, sociais o nome de contexto fronteiriço.

“La Frontera es una zona habitada o habitable por un conglomerado social caracterizado por componentes diferentes (nacionalidades, culturas, idiomas, religión, costumbres) separados por una convención jurídica, denominada límite, pero que se encuentran en un territorio compartido que tiene la tendencia a transformarse en un subsistema común producto de sus contactos”.

“(…) podemos concebir a las fronteras como zonas potenciales de integración

y transición. Esta tendencia a la integración no niega la característica de ser también zonas de conflictivo y enfrentamientos. La potencialidad hacia uno u otro lado dependerá de la fortaleza de los intereses comunes y de la cultura de cooperación entre ambas sociedades”. (Palermo, 2019, p.57).

Mas de que forma entendermos este contexto fronteiriço? Ao nosso ver, compreendendo o significado de Fronteira, entendendo esta realidade tendo por balizador a base conceitual do termo que a faz existir.

Dai adentramos em método bastante válido. Algo que nos oferte a “chave” para abriremos a “porta” que nos dá o entendimento do que é afinal Fronteira. Esta dificuldade foi por demais atenuada ao, no decorrer da disciplina de Fundamentos Epistemológicos no Mestrado Acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – MEHL / UFN, termos nos aprofundado no “*presente de Hermes*”, a Hermenêutica, que nos cria essa sensibilidade de buscarmos o entendimento completo (ou o mais completo possível!) dos conceitos, dos textos, das mensagens textuais. Entendermos o básico com vistas ao conhecimento do todo.

Assim, nos propomos a, sucintamente, trabalharmos primeiramente com o conceito de hermenêutica para adentrarmos, em um segundo momento, e detentores da “chave”, abriremos a “porta” da Fronteira e conceitual-la de forma que possamos entendê-la como a formuladora do contexto fronteiriço.

ENTENDENDO A HERMENUTICA E SEUS CONCEITOS BÁSICOS

Em uma breve pesquisa na internet¹ já podemos iniciar o estudo do significado da hermenêutica. Esta provém do verbo grego “*hermēneuein*” e significa “declarar”, “anunciar”, “interpretar”, “esclarecer” e, por último, “traduzir”. Significa que alguma coisa é “tornada compreensível” ou “levada à compreensão”.

O termo deriva do nome do deus Hermes, o mensageiro dos deuses, a quem os gregos atribuíam a origem da linguagem e da escrita, e considerado o patrono da comunicação e do entendimento humano. O certo é que este termo originalmente exprimia a compreensão e a exposição de uma sentença «dos deuses», a qual precisa de uma interpretação para ser apreendida corretamente.

Por mais que pareça “não acadêmico” o uso da descrição acima, realizada após uma leitura simples em uma pesquisa de um site bastante conhecido, ela nos demonstra o quanto “hermenêutico” nós devemos ser em nossas leituras e na busca de conceitos que nos sejam norteadores de uma estrutura maior.

Nascida grega, a hermenêutica caminha ao longo dos tempos históricos e se apresenta com esse “dom” de decodificação de textos, tanto na forma de implementação e defesa das leis, bem como, e em especial, para a interpretação dos textos bíblicos, na forma teológica.

Sem dúvida, a hermenêutica provém de uma longa tradição humanística, relacionada à interpretação dos textos bíblicos, à

¹ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hermen%C3%AAutica>

jurisprudência e à filosofia clássica (Schleiermacher, 2000).

A leitura e a posse dos significados dos textos “santos” acabam por ser um importante método de coerção, dominação e de legitimação do poder temporal pela Igreja Romana. Tanto que a simples tentativa de dar esse poder de leitura e interpretação aos fiéis levou a ruptura da unidade da cristandade ocidental, a Reforma Protestante. A interpretação hermenêutica deixa de ser um privilégio clerical para ser um caminho para todo o crente.

Além do campo teológico, a hermenêutica caminha também como um braço filosófico, sendo considerado o “pai da hermenêutica” o filósofo alemão Friedrich Schleiermacher (1768 – 1834) se destacando ao ser o responsável por desenvolver uma verdadeira doutrina da arte do compreender, em vez de uma agregação de observações, segundo Gadamer (2007b), outro importante pensador do tema.

Para Schleiermacher, citado por Schmidt (2014, p. 19), a hermenêutica é a arte de compreender a linguagem falada e escrita, sendo necessária em todos os casos de compreensão da linguagem falada ou escrita. Compreender e compreensão andando juntas!

“O círculo hermenêutico afirma que não podemos compreender o todo até que tenhamos compreendido as partes, mas que não podemos compreender as partes até que tenhamos compreendido o todo. Schleiermacher quebra o impasse do círculo hermenêutico porque, com conhecimento suficiente

da linguagem, podemos e devemos primeiro realizar uma leitura superficial para conseguir uma visão geral do todo. Esta leitura permite então uma interpretação detalhada das partes”. (Schmidt, p. 32, 2014).

Ainda segundo Schleiermacher:

“A hermenêutica é uma tarefa possível, ainda que infinita. O intérprete pode reconstruir aquilo que o autor quer dizer porque a linguagem permite que o intérprete conheça a experiência de esquematização aproximada que o autor apresenta na linguagem....Ahermenêutica requer talento e experiência”. (Schleiermacher, p. 47, 2000).

Schmidt (2014) relatada as contribuições de Dilthey, Heidegger e Gadamer.

O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) que define a hermenêutica como a ciência da compreensão de monumentos escritos, e sua tarefa foi demonstrar como podemos obter uma compreensão objetivamente válida nas ciências humanas, sendo o seu projeto de vida a justificação da metodologia das ciências humanas, compreensão que é diferente do método das ciências naturais.

E trazendo mais um alemão, Martin Heidegger (1889 – 1976), este define que a compreensão é sempre a interpretação de alguma coisa, tendo em vista as estruturas prévias da compreensão, como alguma coisa e por isso uma compreensão hermenêutica.

A compreensão é bem-sucedida quando as estruturas prévias são baseadas nas coisas em si.

E ainda abrangidos pela esfera alemã, temos as relevantes contribuições de Hans-Georg Gadamer (1900 – 2002), considerado o grande expoente da filosofia hermenêutica, que em sua obra principal “Verdade e Método” (1960) elabora uma filosofia propriamente hermenêutica, que trata da natureza do fenômeno da compreensão. Pelo conjunto da obra, é considerado um dos maiores pensadores das ciências humanas do século XX.

Em seus profícuos estudo sobre a linguagem, Gadamer viu que A experiência hermenêutica começa quando o interprete é questionado pela tradição sobre alguma coisa e busca encontrar uma resposta examinando um texto. O interprete esta inserido na tradição, já que ele herdou um conjunto de preconceitos que constitui seu horizonte de compreensão. A compreensão correta ocorre quando ele consegue legitimar seus preconceitos fundamentando-os nas coisas em si... ele deve fazer com o texto fale expandindo seu horizonte de significado, ou seja, escutando o que o texto tem a dizer. (Schmidt, p. 167, 2014).

Em seu livro “Verdade e Método”, Gadamer defende que o conhecimento não é fruto da pura subjetividade transcendental,

contudo se dá na historicidade e na linguagem (Alves, 2011). A hermenêutica é uma racionalidade decorrente da exigência de se contrapor a uma época que procurou conhecer seguindo apenas a racionalidade de procedimentos empírico-formais e da explicação causal, própria das ciências naturais. (Lawn, 2007).

Conceitos importantíssimos quando falamos de Educação, de Ensino, de Currículo, enfim tudo o que faz parte do ato pedagógico e conceitual do trabalho educacional.

A hermenêutica, em sua primeira acepção, foi utilizada como interpretação do significado das palavras, arte de interpretar o que está nos símbolos e também interpretação científica baseada na realidade humana. Para além dessa significação, a hermenêutica ressurgiu modernamente no contexto da luta contra a pretensão de haver um único caminho para o acesso à verdade, contra o predomínio do positivismo científico, que se apoia em dados objetivos como procedimento válido para produzir conhecimento. Assim ela quer demonstrar que não há mais condições de manter um monismo metodológico para a produção do conhecimento. (Alves, p.17. 2011)

Assim a hermenêutica tal qual apresentamos, dentro de uma visão humanística, trabalhando com conceitos, mas não tão somente empíricos, estanques, absolutos, mas

com uma visão humanística e social. Temos agora, além da hermenêutica teológica e filosófica, a hermenêutica da educação.

“A partir da experiência hermenêutica, como abertura a outras possibilidades interpretativas, intenta desvincular a educação das amarras conceituais provenientes da visão científico-objetivista, para produzir os efeitos benéficos da abertura de horizontes e da ampliação da base epistemológica para se pensar o sentido da formação. A hermenêutica acena para a impossibilidade de se esgotar e encerrar um único conceito a totalidade de sentido da educação. (Alves, p.18. 2011)

CONCEITUANDO FRONTEIRA

Após termos uma visão da hermenêutica, seu método e sua importância, adentramos no conceito de Fronteira, tendo essa visão hermenêutica de trabalharmos a amplitude de significados que cercam esta palavra.

Etimologicamente proveniente da palavra latina “*frons*”, relativo à testa, à frente, a origem da Fronteira está em olhar e estar frente a frente com o outro. Sendo originário do latim, idioma dos romanos, povo que fez surgir através de seu poderio militar um dos maiores Impérios que a humanidade já viu, ela nasce com este enfoque de domínio, defesa e também de expansão.

La palabra frontera deriva del latín frons o frontis y

etimológicamente significa “lo que esta adelante”. La idea de frontera no tuvo un origen previo, ni jurídico, ni político, ni intelectual; nació a partir de la observación de un fenómeno común de la vida social, indicando la margen del mundo habitado, hasta donde llegaba el mundo civilizado, según los pueblos de la Antigüedad [...] Pero, a medida que la civilización se fue desarrollando, las fronteras se volvieron lugares de comunicación, de espacios diferentes, por lo que adquieren un carácter político (Bottino, 2009, p. 1).

Quem quer dominar não se contenta com fronteiras estanques, quer sempre a ver em movimento. Daí termos até hoje essa concepção de fronteira como área de defesa e soberania, de guerras e lutas fratricidas que geraram muitos dos “heróis da Pátria”.

Ela também pode ser vista como uma mera concepção cartográfica presentes em mapas, geralmente uma linha na cor preta, que delimita duas zonas de cores aleatórias. Mesmo que “[...] saibamos que a política não é feita apenas de superfícies rosas, verdes e lilases separadas por linhas pretas, recorreremos a esta geometria simples sempre que queremos representar o mundo” (Dorfman; Filizola; Félix, 2021, p.12).

Esta linha de cor preta no mapa serve de ponto inicial dentro do território nacional, de acordo com o § 2º do art. 20 da Constituição Federal de 1988, para uma faixa que adentra por cento e cinquenta quilômetros de largura, ao longo das fronteiras

terrestres, sendo conhecida como Faixa de Fronteira e é considerada fundamental para defesa do território nacional ainda segundo nossa Carta Magna. Com ela, o Brasil compartilha uma vizinhança com dez países ao longo de 16.000 quilômetros de extensão.

Por Faixa de Fronteira entende-se “a faixa de até 150 km de largura, ao longo das fronteiras terrestres”, conforme a Constituição Federal, artigo 20 – parágrafo 2º e na Lei Nº 6.634/ 1979, onde estão 588 municípios brasileiros com área total ou parcialmente localizada na Faixa de Fronteira distribuídos em 11 estados. Apresenta uma área total de 1.421.344,688 Km² (16,7% da área do país). Já a somatória das áreas totais dos municípios, que se encontram totalmente e parcialmente dentro desta faixa, apresentam uma área de 2.265.118,167 Km² correspondendo a cerca de 26,6% do território brasileiro. A população total dessa Faixa é de 9.416.714 pessoas, o que equivale a 4,6% da população do país. O IBGE também destaca nesse conjunto, a relação de 33 cidades gêmeas nacionais, segundo o Art. 1 da Portaria nº 2.507/2021 do Ministério do Desenvolvimento Regional.²

Indo além da questão cartográfica e política, podemos ver a Fronteira como uma região de diversas peculiaridades. Neste ponto, especialmente a Geografia, busca entender a Região dentro de um conceito maior, o Espaço.

Por muito tempo, o espaço foi entendido como mera questão natural, sem muito interesse pelas Ciências Humanas, pois pouco poderia interferir nas relações sociais. Importante destacar que estamos falando

de um contexto de interpretação de predominância positivista, com suas técnicas empiristas de conceber o estudo humano com leis indiscutíveis e imutáveis. Assim, o espaço nessa concepção é algo totalmente irrelevante.

Célebres foram os trabalhos do grande geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001), dos quais compartilhamos pensamentos como o “indivíduo é condicionado pelo meio”, “antes, o território era visto apenas como uma tela vazia, à espera da população para escolher as cores, escrever a sua história” e “hoje, o território finalmente é visto como também um ator,” entre tantas outras presentes em suas diversas obras norteadoras das Ciências Sociais não só no Brasil, mas mundialmente reconhecido pelas academias internacionais, acerca deste entendimento do espaço como algo abrangente, mas que também é local, dependendo do recorte que almejamos fazer.

O espaço, no entender de Santos, é um fato social, produto da ação humana, uma natureza socializada que, por sua vez, interfere no processo social não apenas pela carga de historicidade passada, mas também pela carga inerente de historicidade possível de ser construída, na medida em que a instância de determinação no mundo real, de transformação deste último, em outras palavras, de determinação na história a ser construída (Reckziegel, 1999, p.16).

Palermo (2019) traz importantes definições das análises da Geografia Crítica, cor-

2. Fonte IBGE. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/24073-municipios-da-faixa-de-fronteira.html>

rente de Milton Santos, acerca da definição de espaço e território, importantes marcos ao tratarmos dos recortes epistemológicos que devemos fazer para a construção do conceito de Fronteira: “La Geografia como disciplina ha generado importantes análisis teóricos sobre “espacio y territorio”, diferenciandolos y aportando de esa forma comprensión a la perspectiva histórica” (p 35).

Além de um conceito ou de uma formação natural, um espaço em suas múltiplas facetas é uma construção humana.

El espacio como reflejo de la intencionalidad, de la accion humana es retomado y desarrollado por la Geografia Crítica, que ha generado un debate contemporâneo sobre las relaciones entre sociedad, espacio y tiempo. Esta corriente teórica define al “espacio” como parte de la totalidad social, participando como productor y producto de los procesos sociales “productor-producido, subordinante-subordinado”, lo cual permite pensar al “espacio construido como un medio a través del cual las relaciones sociales son producidas y reproducidas” reconociendo así la historicidad intrínseca del espacio geográfico (Blanco, 2007, p. 42).

Por fim, Palermo (2019, p.37) sintetiza o pensamento da geógrafa britânica Doreen Massey, onde esta afirma que o espaço é um produto que se constrói a partir das inter-relações sociais, econômicas, políticas, cultu-

rais, étnicas e de gênero, em um amplo marco de diversidade e das posições que ocupam os indivíduos e grupos dentro do conjunto. As relações econômicas e socioculturais estão conformadas a partir das estruturas internas de dominação e subordinação.

Na grande totalidade do espaço geográfico, esta mescla entre o natural e o cultural, fazemos o recorte do “território e região”. O conceito de região é por demais amplo, disforme, pois transita em várias áreas das Ciências Sociais, tendo uma conotação dentro da antropologia, outra na história e outra na geografia. Para irmos além de ampla discussão sobre este conceito, transcrevemos uma que nos agrada, do geógrafo brasileiro Haesbaert, citado por Palermo (2019, p. 66), onde uma região constitui-se, ao mesmo tempo:

[...] um recorte espacial que manifesta a diferenciação do espaço geográfico enquanto território apropriado/controlado de forma concreta (...) e simbólica por meio de uma identidade territorial; uma escala geográfica intermediária entre o nível local ou cotidiano de relações e o nacional, o produto da conjugação entre, pelo menos, dois processos sociais específicos, o regionalismo político que organiza as suas reivindicações fundamentadas numa base territorial (regional colocada diretamente frente ao Estado-nação) e identidade territorial (igualmente numa escala intermediária entre as escalas local e nacional).

Palermo (2019, p.55), ao citar Moreno Quintana em seu *Tratado de Derecho Internacional* (1963), é muito feliz ao definir a Fronteira como a “epiderme do Estado”.

La frontera es como la piel que recubre los limites formales del territorio y está en contacto directo y en relacion dialética con su entorno. La metáfora nos sugiere una entidad viva, mutable, dinámica, que se transforma em función de sua relación con el medio ambiente y que, así como se regenera, también muere pues la frontera, como una extensa red de relaciones, puede cristalizarse y desaparecer.

Importante ressaltar nestas considerações iniciais que devemos sempre atentar para a existência não de uma, mas de várias Fronteiras, várias Regiões de Fronteira. As condicionantes geográficas, naturais, históricas e sociais de um espaço inserido em uma Fronteira Brasil/Bolívia são totalmente diferentes de uma Fronteira Brasil/Argentina, por exemplo. Assim cada Região de Fronteira apresenta as suas peculiaridades, explicitadas nas relações cotidianas. No caso deste espaço fronteiriço onde estamos inseridos, de uma região platina.

[...] trabalhamos com a noção do espaço fronteiriço platino como espaço social e economicamente construído e que adquiriu um perfil de região, com um sentido totalizador enquanto espaço de circulação de homens,

de ideias, de cultura e de mercadorias (Padoin, 1999, p. 2).

Mesmo assim, se trabalharmos em mente com o “espaço fronteiriço platino”, a realidade de uma fronteira Uruguiana/Paso de Los Libres, Brasil e Argentina que tem por limite o Rio Uruguai e são ligados por uma Ponte, são bem diferentes de uma fronteira Santana do Livramento/Rivera, duas cidades que formam uma única conurbação urbana e onde os limites entre Brasil e Uruguai são delineados por ruas, marcos, praças e avenidas.

Las fronteras regionales pueden o no coincidir con las divisiones jurídicamente establecidas, de tal forma, para delimitar una region, no se puede considerar solamente los aspectos jurídico-administrativo, ni exclusivamente los economicos, sino también los de orden social y político (Viscardi, 1992, p. 87).

Assim, rapidamente delimitando a Região de Fronteira, conceitos que nos propomos a discutir com mais profundidade no decorrer desta pesquisa, temos que ter em mente que estamos falando de uma região historicamente relegada frente ao discurso oficial dos centros do poder. Esta questão não é apenas uma característica nossa, pois “os do lado de lá” da Fronteira também são constantemente “esquecidos” pelas regiões que detêm o poder político e econômico e, conseqüentemente, a produção do conhecimento.

“A realidade fronteiriça é pensada por governantes e planejadores, que ditam medidas que impactam o cotidiano da fronteira” (Dorfman; Filizola; Félix. 2021, p.19). E estes estão em Brasília, Buenos Aires, Montevideo. Uma visão hegemônica que parece ser a única válida e não leva em consideração as características próprias e tão peculiares das regiões de Fronteira.

Inclusive na educação, no ensino, sejam eles realizados nas escolas, sejam os informais desenvolvidos em diversos espaços educativos (porque tudo é educação, já diziam os versos da canção “Anjos da Guarda”, da cantora Leci Brandão). Assim, devemos levar em consideração quando almejarmos “furar a bolha”, trazermos para o campo da educação a temática da Fronteira:

Ensinar e educar para fronteira demanda reconhecer o trânsito de uma realidade ordenada, segura e elucidada, própria da modernidade, para a condição mutante, instável e ofuscada da ultramodernidade. Assim é importante frisar que a fronteira é marcada por passagens, portanto por encontros, que enformam hibridismos e convergências de culturas (...) E, assim sendo, a relação do sujeito com a fronteira demanda olhares que ultrapassem o âmbito da mistura, do conflito, da separação, da integração, do domínio, da subordinação (Dorfman; Filizola; Félix, 2021, p. 18).

Transpassar, essa ideia de que regiões de Fronteira são fadadas a uma visão reducionista, sendo meros espaços dentro de um contexto maior, uma visão que enfatiza as regiões mais desenvolvidas e que sempre foram o centro do poder. Este fato cria um imaginário coletivo preponderante onde a identidade fronteiriça não recebe o mesmo reconhecimento e não tem a mesma abordagem daquelas identidades provenientes dos centros do poder.

Assim, mais acima do que uma mera imersão da temática da Fronteira, nos leva a um debate ainda maior acerca do ensino e do currículo como um todo, uma discussão que, almejamos, seja transnacional, que se faça o “*cruce*”.

Por mais que as regiões fronteiriças sejam tomadas como “terra de ninguém”, estereotipadas pela mídia e imaginadas com espaços pertencentes ao submundo, apenas à primeira vista nos parecem isoladas e isoladoras (...) são realidades marcadas por suas especificidades, em que as escolas se territorializam e desempenham um papel peculiar, o que fica claro quando consideramos as escolas de fronteira em uma perspectiva socioespacial.

Empreender a leitura da escola nessa perspectiva nos faz retomar as relações que se instituem entre o Estado e a educação. No Brasil, mas não apenas nele, é notória a centralização e a

concentração administrativa da ação educativa. Trata-se, portanto, de relações verticalizadas, rigidamente hierarquizadas (Dorfman; Filizola; Félix, 2021, p.20).

Trabalhar com essa temática é trazer para o educando a sua realidade, indo ao contrário de uma ideia onde “o currículo enquanto elemento central da educação tem sido, historicamente, imposto de cima” (Dorfman; Filizola; Félix, 2021, p. 20). Conforme Dorfman (2009, p. 01) “fronteira é um aspecto constitutivo da identidade dos grupos humanos que a habitam”.

Desta forma, o Ensino não pode virar as costas para a vivência diária dos educandos e da população fronteiriça como um todo.

ENSINANDO FRONTEIRAS: A IMPORTANCIA DE POLÍTICAS INSTITUCIONAIS:

Seria essa vivência de fronteira abarcada pelos diferentes currículos. Lembrando que esse “viver” é sempre diferenciado ao englobar mundos que convivem, mas não deixam de ser característicos em suas essências.

“Vivir en la frontera significa entrelazar constantemente diferentes lenguas y culturas. Significa vivir la experiencia de construir, deconstruir, reconstruir identidades en todo momento, en diferentes situaciones sociales, y aprender a reconocer la multiplicidad y la temporalidad de las identidades

socioculturales. La frontera es una construcción cultural, diseñada por los sujetos que la habitan y constituyen sus relaciones sociales, culturales y políticas. Los sujetos que construyen estos espacios sociales son diferentes entre sí, con diferentes historias de vida y expectativas. Es aceptable entender que esta construcción no siempre se realizará de manera pacífica y homogénea” (FLORES, PESSINI, TALLEI, 2021, p. 7)

Se a chave hermenêutica é a fronteira, pois muito bem, devemos ensina-la! Mas estariam as diferentes redes de ensino, nos diferentes países, prontos para isso?

Dorfman (2021, p.14) nos diz que:

“A escolarização da sociedade foi um processo longo e diverso em inúmeras partes do globo, que culminou com a participação universal, inicialmente das crianças e, bem mais tarde, dos jovens secundaristas”. Ao longo da história, povos e nações, no árduo trabalho de construção (ou de desconstrução, no caso de algum povo dominado) utilizaram o conceito de “escola-nação”, onde currículos estão inseridos nesse contexto, na constante dicotomia “nós contra eles”.

Consolidar-se como um país, ao longo dos séculos, além do conflito armado, de guerras, foi também um ato escolar, “cabem-

do aos sistemas educacionais, à escola, assegurar o desenvolvimento moral, cultural e político das novas nações” (Dorfman, 2021, p 14.)

No processo acima descrito, o fortalecimento de um projeto de construção e de constante afirmação de um projeto e de uma identidade nacional impôs as regiões fronteiriças quase que relegar as suas vivências e deu convívio diário com o “outro”. Vizinhos que por questões estatais devem sempre estarem de “espaldas”, a começar pela imposição nacionalista da imposição de um idioma único e uniforme. Assim o contexto de mescla de falas tão presente nos contextos fronteiriços é desencorajado, mas também impedido e perseguido ao longo de vários períodos históricos.

O falar, o idioma como forma de imposição, assim como afirma Faraco, “a concepção normativa da língua é certamente uma das mais fortes e resistentes na história do pensamento ocidental” (2009, p.53).

A universalização do ensino, em especial no Brasil, foi uma grande conquista social, contudo não veio acompanhada de significativos avanços na qualidade, muito pelo contrário, é notória a existência de um ensino defasado, não atraente para alunos que cada dia menos sabem, menos aprendem. Suas causas dariam não em um, mas em diversos trabalhos e não seria nossa intenção entrarmos nesta seara e tirarmos o foco da questão fronteiriça.

Contudo, como mesmo a fronteira está inserida em uma realidade maior, em um contexto nacional, cumpre destacar que a citada universalização escancarou fatos deste contexto de fronteira, pois “passaram a frequentar a escola, em número significativo, falantes de variedades do português mui-

to distantes do modelo tradicionalmente cultivado pela escola” (Faraco, 2009, p. 57).

Lógico que em qualquer espaço, a linguagem dita “cult” entra em contradição com a fala local. Tomamos como exemplo um estado do Brasil, onde temos as falas regionais que entram em desacordo ou são menosprezadas perante o falante da “capital”. Contudo, no nosso entendimento, nas regiões fronteiriças estas diferenças tomam outra forma, pois cria-se um imaginário de uma “invasão” das trocas entre idiomas, ainda mais no contexto brasileiro de não possuir vizinhos que falem o seu idioma. Dentro de uma ótica nacionalista e de valorização “do nosso” perante o “deles”, os contextos fronteiriços são relegados e renegados, sendo que a escola muito bem representa esta atitude.

Dorfman (2021 p. 16), mais uma vez contribui para um melhor entendimento:

“No nosso entender, a questão linguística exemplifica como o contexto fronteiriço coloca à escola o desafio de transgredir o formato disciplinar e parcelar (...) O diálogo e a convivência na escola nos lembram que este é um território, inserido e contraditório a outros territórios. (...) As instituições de ensino em condição fronteiriça expressam ainda mais claramente esse processo. As fronteiras entre estados* são lugares dissonantes à norma nacional. Nesta forma, as fronteiras são frequentemente representadas como fontes de penetração, de contágio, de práticas morais duvidosas ou

simplesmente como vazios a serem colonizados pela nação. Mais frequentemente, os lugares de fronteira não são representados, ficando fora do horizonte imaginativo da escola-nação.”

Um “sopro de esperança” nessa construção de uma vivência de ensino voltado para a fronteira, suas características, com um foco na linguística e na interculturalidade já foram ou estão sendo realizados. Alguns abandonados por caprichos governamentais ou falta de visão de uma integração, outros que criaram raízes e um dos mais importantes, o nascimento e consolidação de uma Universidade voltada para esta temática!

Começamos falando no PEIBF. O Projeto Escola Intercultural Bilíngüe de Fronteira (PEIBF) com o intuito de promover o intercâmbio entre professores dos países do Mercosul, foi criado no ano de 2005. Sturza (2021) relata que no mês de fevereiro de 2005 houve uma reunião de planejamento na cidade argentina de Paso de Los Libres, fronteira com Uruguiana, onde houve a definição das escolas de ambos os lados fronteiriços, iniciando a implementação nas localidades de Dionísio Cerqueira, Estado de Santa Catarina, Brasil e Bernardo Yrigoyen, Província de Misiones, Argentina, bem como na já citadas Uruguiana, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil e Paso de Los Libres, Província de Corrientes, Argentina.

Inovador desde o nascimento, o PEIBF foi um projeto que requereu sensíveis transformações e adequações nas escolas que o estavam recebendo.

“A transformação em Escolas Bilíngües requereu assessoria

pedagógica e linguística junto à gestão das escolas e formação para os professores, uma vez que o projeto provocaria uma mudança significativa na dinâmica da escola. Sobretudo, propunha adotar uma nova metodologia, para se compreender e se reconhecer enquanto um modelo não só diferente do que havia, mas também inovador” (Sturza, 2021, p.61).

No ano de 2006 ocorre uma importante expansão do PEIBF, com a inclusão de novos países e, consequentemente mais cidades e escolas passaram a desenvolver o projeto, chegando a aproximadamente 20 educandários distribuídos por Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Venezuela.

Eram muitos os desafios, uma nova proposta pedagógica, contrariedades que surgem diante de uma inovação que era a presença de uma aprendizagem baseada no bilinguismo, onde o idioma estrangeiro deixa de ser uma disciplina que ocupa um pequeno espaço da grade curricular para ser uma constante em todas as disciplinas, a começar na própria alfabetização, na base do bilinguismo se dá esta união siamesa entre o idioma luso e o idioma castelhano.

O ano de 2012 veio com mudanças nessa temática do ensino em contextos fronteiriços: do antigo PEIBF nasce o PEIF – Programa Escolas Interculturais de Fronteira. Desde o seu nascedouro, era visível a mudança de norteador do programa. Se anteriormente a ênfase se dava no bilinguismo, agora a integração se daria pela interculturalidade.

Por essa interculturalidade vemos a capacidade de conhecimento, envolvimento e aprendizado de duas ou mais culturas; que se efetiva ou se estabelece entre o contato e culturas diferentes. Dentre as diferentes maneiras de promover essa interculturalidade seria a comunicação uma das essenciais, pois quem dialoga não convive. Dialogo respeitoso e empático entre grupos culturais que se diferem muitas vezes em suas gêneses, mas que possuem, no caso fronteiriço, a proximidade territorial que os aproximam.

Assim o PEIF tem como principal objeto “promover a integração regional por meio da educação intercultural, que garanta formação integral às crianças e aos jovens nas regiões de fronteira do Brasil com outros países.” (Brasil, 2014).

Contudo, o PEIF foi abandonado pelo governo federal, sendo praticamente inviabilizado no ano de 2017. Longe de pensarmos em um puro derrotismo, mesmo pesando muito o termino do programa nas ações de ensino fronteiriço, este *cruce*³ entre docentes e discentes germinou em iniciativas pioneiras de organização regional, tudo em nome de uma educação de fronteira que não poderia morrer.

Tomamos como exemplo o movimento “Pedagogia de Fronteira”, onde universidades se unem para criar um movimento de integração fronteiriça voltada para a formação de professores na cidade paranaense de Foz do Iguaçu, apoiada também pela própria Secretaria Municipal de Educação, no ano de 2016. Fruto desta união não só de intuições e segmentos públicos, abarcou também outros movimentos sociais como forma de não deixar morrer a semente se-

3. *Cruce* é um termo que no portunhol de fronteira, significa atravessar a fronteira, cruzar de um lado para o outro. N.A.

meada pelo PEIF e que corriam risco com o seu término.

Como Flores, Pessini, Tallei (2021) muito bem parafraseiam o fim do PEIF e o nascimento do movimento Pedagogia de Fronteira como “el fin de un programa de gobierno y el comienzo de un movimiento social”

“El movimiento Pedagogía de Frontera que ofrece formación continua para los docentes y la comunidad escolar de la red municipal de Foz de Iguazú, pues algunas escuelas presentan un elevado número de niños de otras nacionalidades, principalmente hispanoamericanas. Profesores de Unila, Unioeste e Ifpr imparten la formación con el fin de discutir y repensar prácticas pedagógicas que consideren la diversidad lingüística y cultural presentes en el contexto local, que posibiliten una pedagogía intercultural y decolonizadora en la triple frontera. Se propone una formación crítico-reflexiva para que puedan pensar otras prácticas pedagógicas que coincidan con las demandas locales. Uno de los resultados es la inclusión de la lengua española e inglesa en las escuelas de enseñanza básica. Se espera que el trabajo docente continúe promoviendo mudanzas a favor de una educación intercultural y decoloniza-

dora” (FLORES, PESSINI, TALLEI, 2021, p. 01).

E também de Foz de Iguaçu trazemos aquela que, na nossa opinião, é a maior iniciativa de integração regional: Fechando a abordagem sobre ensino superior, não poderíamos deixar de citar aquela que na nossa opinião é a universidade modelo quando pensamos em educação superior de fronteira: a UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-Americana). Localizada naquele município Estado do Paraná, na mais famosa Tríplice Fronteira, onde Brasil, Argentina e Paraguai se encontram.

Fronteira desde o nascedouro ela “reserva 50% das vagas para docentes e discentes de língua espanhola” (Rorato, 2021, p. 79). Abaixo transcrevemos partes do projeto político pedagógico da mesma:

“A vocação da UNILA é a de ser uma universidade que contribua para a integração latino-americana, com ênfase no Mercosul, por meio do conhecimento humanístico, científico e tecnológico, e da cooperação solidária entre as instituições de ensino superior, organismos governamentais e internacionais. A UNILA está estruturada com uma organização inovadora e uma concepção acadêmico-científica aberta aos avanços científicos, humanísticos e culturais atuais e futuros. (...)”

A missão da UNILA é a de contribuir para o avanço da integração da região,

com uma oferta ampla de cursos de graduação e pós-graduação em todos os campos do conhecimento, abertos a professores, pesquisadores e estudantes de todos os países da América Latina. Como instituição federal pública brasileira, a UNILA pretende, dentro de sua vocação transnacional, contribuir para o aprofundamento do processo de integração regional, por meio do conhecimento compartilhado, promovendo pesquisas avançadas em rede e a formação de recursos humanos de alto nível, a partir de seu Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), com cátedras regionais nas diversas áreas do saber artístico, humanístico, científico e tecnológico. (...)”

Este é o contexto político-institucional, econômico, cultural dentro do qual a UNILA procura contribuir para a integração latino-americana, reconhecendo a diversidade das identidades nacionais e os elementos que cimentam nossas raízes e nosso destino comum enquanto continente diante do mundo globalizado. (...)”

4

Com uma gama de cursos voltados para a temática da fronteira, muitas das nos-

4. Disponível em <https://portal.unila.edu.br/institucional/projeto-pedagogico>, acesso em 10/06/2025.

sas bases de estudos e pesquisas são provenientes de colegas que fizeram e ou fazem parte desta Instituição que deveria ser o modelo e a semeadora de novas sementes nas atuais ou novas universidades.

A sua base de bilinguismo, interculturalidade e integração, fazem da UNILA um verdadeiro farol quando falamos em educação de fronteira e na formação de programas, formações, iniciativas quando falamos de ensino fronteiriço.

Alguns dos muitos exemplos que o ensinar fronteira é possível e acontece!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Interpretar textos, escritos, conceitos, não deixa de ser uma arte. Desde o advento da escrita nos mais diferentes tempos históricos e espaços geográficos, nos mais diversos e dispersos povos e sociedades, desenvolver conceitos e entendê-los em sua plenitude é algo quase que inerente à própria condição humana. Os documentos escritos e o domínio da capacidade de interpretação foge de um mero talento, para tornar-se um método de construção cultural, social e, em especial de um meio de dominação, condicionamento, criação de um status que advindo de um elitização intelectual através da simples condição *sine qua no* da posse do poder de escrever e interpretar os mais diferentes documentos.

Conceitos das ciências humanas, em especial filosóficos, para muitos e por vezes podem parecer despretensiosos, rígidos, ir-reais e até enfadonhos. Contudo ao termos acesso a sua concepção e a ao real significado do que propõe são extremamente úteis, válidos e até apaixonantes! Assim o conhecimento da hermenêutica, de sua caminhada

histórica e do poder reflexivo que seus pensadores nos trazem tornam-se ferramentas essenciais para a compreensão de um contexto natural e humano.

O que conhecemos como contexto fronteiriço, essa gama imensa de peculiaridades e vivências é um tema por demais envolvente e instigante. Não estamos falando apenas de um marco legal, administrativo, como dito, uma simples linha que separa territórios, mas sim de povos que em muitos casos convivem muito mais entre si do que com seus próprios patrícios.

O primeiro passo, no nosso entendimento, foi a busca por compreender o seu conceito formador, a Fronteira. Humildemente travestido de hermeneuta buscamos uma chave que abrisse as portas para o entendimento de tão importante conceito. Desta verdadeira epiderme que circunda o nosso país, território este incompreendido, relegado, taxado, esquecido. Mas mesmo com todos estes conceitos negativos, prevalece um contexto de uma riqueza e um potencial imensos.

Um deles, senão o principal, é entendermos que não temos uma, mas várias fronteiras, que não podem mais ser omitidas de nosso currículo e das vivências escolares de nossos alunos.

O ensinar fronteiras é a busca que esta temática esteja presente nos mais diferentes níveis de ensino, onde trouxemos iniciativas maravilhosas que lograram grandes êxitos, contudo algumas abandonadas por governos que não possuem esta sensibilidade de realmente valorizar a educação em suas mais diferentes temáticas, sendo a Região da Fronteira uma das primeiras a ser relegada.

Assim temos as nossas chaves hermenêuticas, que nos capacitam a seguir na bus-

ca de uma verdadeira educação plural. Acharmos as chaves, abrimos as portas! Contudo não paramos por aí...

REFERÊNCIAS

ALVES, Marcos Alexandre. Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da educação. *Marin-gá*, v.33, n.1, p. 17-28, 2011.

BLANCO, Jorge. Espacio, territorio: elementos teóricos conceptuales implicados en los análisis geográficos,. *In: FERNANDEZ, Maria, GUEVICH, Raquel (Coord). Geografía, nuevos temas, nuevas preguntas. Buenos Aires: Biblos, 2007 p.37-64.*

BRASIL. Ministério da Educação – MEC. Escolas de Fronteira. (Brasília): Ministério da Educação (2014). Disponível em: <http://educacaointegral.mec.gov.br/escolas-de-fronteira>.

DORFMAN, Adriana. A cultura do contrabando e fronteira como lugar de memória. *Estudios Históricos (CDHRP), Rivera- URU*, n. 1, maio, 2009.

DORFMAN, Adriana. A condição fronteiriça diante da securitização das fronteiras do Brasil. *In: NASCIMENTO, Jadson P.R. Fronteiras em perspectiva comparada e temas de defesa da Amazônia. Belém: EDUFPA, 2013.*

DORFMAN, Adriana (org.) Territórios e lugares da Região Metropolitana de Porto Alegre. Porto Alegre: Letra 1, 2015.

DORFMAN, Adriana; FILIZOLA, Roberto; FÉLIX, Julian M. (Orgs.). *Ensinando Fronteiras*. Porto Alegre: Diadorim Editora, 2021.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem, escola e modernidade. *In: LEFFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2009.*

FLORES, O. V., PESSINI, M. P. & TALLEI, J. I. (2021). La formación docente como movimiento social por la educación en la triple frontera. *Estudios Fronterizos*, 22, e083. <https://doi.org/10.21670/ref.2120083>

GADAMER, Hans-Georg. A virada hermenêutica. Petrópolis: Vozes, 2007a.

GADAMER, Hans-Georg. Verdade e Método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007b.

LAWN, Chris. Compreender Gadamer. Petrópolis: Vozes, 2007.

LLANOS HERNADEZ, Luis. El concepto del Territorio y la investigación en las ciencias sociales. *En: Agricultura, sociedad y desarrollo, septiembre - diciembre, 2010 vol.7, nº 3. Buenos Aires / Argentina.*

OCAMPO MARIN, Luis F. De lo regional a lo territorial. *En: VI Encuentro de Posgrados Iberoamericanos sobre Desarrollo y Políticas Territoriales, Toluca, México, 19 a 21 de setiembre de 2005, citado por PALERMO, Eduardo R. “Terras brasiliensis”. La region historica del norte uruguayo en la segunda mitad del siglo XIX. 1850-1900 - Brasil:FCM,2019.*

MADOERY, Oscar. El valor de la politica de desarrollo local. *Texto de Maestria em Desarrollo Local. CEDET, Buenos Aires / Argentina, 2001.*

PALERMO, Eduardo R. “Terras brasiliensis”. La región histórica del norte uruguayo en la segunda mitad del siglo XIX. 1850-1900 - Brasil:FCM,2019.

RECKIEGEL, Ana Luiza Setti. A diplomacia regional: dimensões teórico-conceituais. *Em História:debates e tendências. Passo Fundo, v.1,n.1,p15-22, junho 1999.*

RICHARDSON, Roberto Jerry. colaboração de Dietmar Klauss Pfeiffer. *Pesquisa Social. Métodos e técnicas. 4 ed. rev. atual e ampl. São Paulo: Atlas, 2017.*

RORATO, Geisa Zanini. Expansão do Ensino Superior Federal - Ampliando Fronteiras. *In: Ensinando Fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade / Adriana Dorfman... (et.al.); organizado por Adriana Dorfman, Julian Mokwa Félix, Roberto Filizola. – Porto Alegre: Editora Letra1: Editora Diadorim, 2021.*

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica de interpretação*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHMIDT, Lawrence K. *Hermeneutica*; tradução de Fábio Ribeiro. 3 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STURZA, Eliana Rosa. Programa Escolas de Fronteiras e Integração Regional. In: *Ensinando Fronteiras: projetos estatais, representações sociais e interculturalidade* / Adriana Dorfman... (et.al.); organizado por Adriana Dorfman, Julian Mokwa Félix, Roberto Filizola. – Porto Alegre: Editora Letra1: Editora Diadorim, 2021.

VISCARDI, Claudia. História, região e poder: a busca de interfaces metodológicas. En: *Revista de História*. Juiz de Fora, 1992, vol 3, n.1, pp. 84-97.